

EDUCAÇÃO AMBIENTAL INFORMAL ATRAVÉS DA OFICINA “O MEIO AMBIENTE COMEÇA EM NÓS”

Mayra Cristina Lima Oliveira,

Aluna do curso de Pedagogia na Universidade Federal de Sergipe, mayra@ufs.br;

Sindiany Suelen C. dos Santos,

Aluna do Curso de Biologia Licenciatura da Universidade Federal de Sergipe,

sindysuelen@hotmail.com;

Michele Moura dos Santos,

Aluna do Mestrado em Meio Ambiente –Prodema/UFS, michelems@ufs.br;

Dr^a. Rosemeri Melo e Souza,

Coordenadora do Grupo de Pesquisa em Geoecologia e Planejamento Territorial,

rome@ufs.br.

Resumo

A Educação Ambiental na perspectiva formal e na informal foi desenvolvida pela Oficina “O meio ambiente começa em nós”, que teve como foco os professores das Escolas que ficam nas comunidades do entorno da Unidade de Conservação Mata do Junco - Capela/SE. Tendo como objetivo, sensibilizar os professores acerca da importante relação existente entre o homem e o meio ambiente, com vistas à reflexão sobre a lixeira existente no município de Capela e a relevante presença da Mata do Junco para preservação ecológica, social e cultural da localidade. A Oficina se desenvolveu através do diálogo definindo o que é Educação Ambiental formal havendo em seguida uma discussão a respeito da Festa do Mastro e da Lixeira da cidade relacionando algumas importâncias desses dois ambientes. Foi concluída com a amostra de meios para reutilização de resíduos sólidos (através de brinquedos eitos com sucata) e na produção de um mural, no qual foi relatado, pelos participantes, o que se adquiriu da Oficina. Assim, obtivemos um resultado significativo tendo em vista a grande participação do público presente.

Palavras- chave: educação ambiental formal, educação ambiental informal, professores.

A realização da educação ambiental e a formação de multiplicadores nesse assunto é um dos objetivos presentes na concretização do projeto “Educação Ambiental Comunitária no Entorno da Unidade de Conservação Mata do Junco, Capela/Se” vinculado a Pró-Reitoria de Extensão – PIBIX/PROEX/UFS.

No início da realização do projeto acima citado, obtivemos - diante da análise das entrevistas com os moradores do entorno, muitos, pais dos alunos das escolas rurais Boa Vista e Lagoa Seca - a necessidade de realizar uma Oficina para com os professores com o objetivo de ‘sensibilizá-lo acerca da importante relação existente entre o homem e o meio ambiente, com vistas à reflexão sobre a lixeira existente no município de Capela e a relevante presença da Mata do Junco para preservação ecológica, social e cultural da localidade’.

De acordo com Gaudiano (2005,67):

[...] A educação não é um simples “instrumento para mudança”, embora uma boa educação sempre apresente mudanças para o estudante. Comprometer completamente a educação na transição para a sustentabilidade exige, não apenas questionar criticamente uma grande parte do pensamento e das práticas actuais, como também vislumbrar e desenhar uma alternativa crível e praticável- independentemente de se ser um tomador de decisões, conferencista, professor, comunidade, educador ou pai de família.[...]

Assim, procurou-se permitir a mudança de atitudes (comportamento) começando pelos professores. Mas para melhor entender a necessidade de se aplicar essa Oficina é preciso saber a respeito de todo o Projeto.

O projeto ‘Educação Ambiental Comunitária no entorno da Unidade de Conservação Mata do Junco, Capela/Sergipe’. Se fez pela necessidade de as comunidades que ficam no entorno de toda a Unidade de Conservação não terem nenhuma orientação para com o consumo das riquezas naturais da Mata.

Quando o projeto foi aprovado a Mata do Junco estava em processo de tornar-se uma Unidade de Conservação. O Refúgio de vida silvestre Mata do Junco, está localizado no município de Capela, a 67 km da capital sergipana, e é uma dos maiores remanescentes de Mata Atlântica do Estado, com uma área total aproximada de 766 ha.

Registra-se na Mata do Junco, a presença de uma espécie primata ameaçada de extinção do Brasil, o *Callicebus coimbrai*, o macaco guigó. Os pesquisadores também revelam outras riquezas da Mata do Junco, entre elas 114 de plantas arbóreas, 14

anfíbios, nove répteis, 19 outros mamíferos e 93 espécies de aves, sendo duas delas classificadas como vulneráveis: o gavião-pombo (*Leucopternis lacernulata*) e o sabiá-pimenta (*Carpornis melanocephalus*). E, além dessas espécies encontradas, foram localizadas na região 14 nascentes entre as quais, aquelas que formam o riacho Lagartixo, principal fonte de abastecimento da população de Capela.

Em seu entorno moram cerca de 410 famílias distribuídas em cinco localidades, sendo que a população do município em 2005 era de 27.403 habitantes, aproximadamente, 60% urbana e 40% rural. Média 10% da população capelense encontra-se ao redor da Mata do Junco. Dados concedidos pelo GEOPLAN e SEMARH.

É definido claramente que a realidade reflete-se em todo o entorno visto que os moradores, embora reconheçam a importância da Mata, não conseguem traçar alternativas de garantir um melhor uso de seus recursos naturais, cabendo, portanto, ações de educação e implementação de projetos que fortaleçam as práticas sustentáveis de desenvolvimento e conservação do meio ambiente. (Santos, 2007)

E, conforme, Gonçalves apud Guimarães (2003):

A EA não deve ser entendida como um tipo especial. Trata-se de um processo longo e contínuo de aprendizagem, de uma filosofia de trabalho participativo em que todos, família escola e comunidade, devem estar envolvidos. E ainda: Um processo de aprendizagem centrado no aluno, gradativo, contínuo e respeitador de sua cultura e de sua comunidade. Deve ser um processo crítico e político com preocupação de transmitir conhecimentos a partir da discussão e avaliação feitas pelo aluno, a sua realidade individual e social, na comunidade em que vive.

Assim, foi com esse embasamento que surgiu o projeto aqui relatado, pretendendo oportunizar a comunidade do entorno da Mata para estreitar uma relação sustentável com a fauna e flora, garantindo sua sobrevivência e a deste ecossistema.

Silva (2004) cita o estudo de Nogué i Font (1992) em que:

El profundo conocimiento Del pasaje es quizá lo que más caracteriza AL grupo de experiencia ambiental campesino em relación com los demás. Su cotidiano, estrecho y directo contacto com ele entorno, Le proporcionan unas enormes posibilidades de interacción sensorial com el paisaje (uma

interacción que será mucho más armónica y globalizadora que em otros grupos).

Com isso, o primeiro passo dado, foi com a intenção de descobrir a opinião, necessidades, angustias e perspectivas dos moradores do entorno em relação à Mata do Junco. Para, com o conhecimento deles, poder dar continuidade ao projeto tentando subsidiar as esperanças das comunidades.

[...] Para um desses moradores a beleza da paisagem é sentida pelo contato permanente, mesclado com lembranças de acontecimentos importantes em sua vida. A paisagem contém o lugar para o morador. Ela é percebida como um lugar de sensações emocionalmente afetuosas que a torna um símbolo para o entrevistado. [...] (Silva, 2004, p.7)

Assim, em uma das entrevistas realizadas na comunidade, perguntamos a uma moradora *‘A escola pode influenciar na preservação da Mata?’* e, como resposta obtivemos: *“Pode. O professor pode incentivar os alunos como cuidar, pra não desmatar a floresta(...)”*, eis o depoimento de uma moradora da comunidade Boa Vista e mãe de dois estudantes de uma escola em que o projeto também foi realizado.

Diante do depoimento dessa mãe e de todos os outros entrevistados, pôde-se fazer a análise de que a escola é o meio pelo qual a comunidade tem a esperança de ocorrer à mudança através do desenvolvimento e da aplicação de novas idéias, provocando a melhoria das condições socioculturais das famílias e dos moradores daquela localidade.

Partindo desse conceito, tivemos a idéia de promover uma Oficina com o intuito de apresentar o tema Educação Ambiental aos professores das escolas do entorno na Unidade de Conservação, Mata do Junco.

Nesse mesmo instante, o Museu do Homem Sergipano – MUHSE, junto com a Pró-Reitoria de Extensão estavam realizando dois eventos, respectivamente, a Primavera dos Museus e a Semana de Extensão. E o Grupo de Pesquisa em Geoecologia e Planejamento Territorial recebeu o convite de participar do evento oferecendo uma Oficina.

Apresentação, resultados e discussões

Inicialmente a Oficina seria ofertada no MUHSE, uma vez que ele possibilita toda uma estrutura física e de materiais. Mas, devido a contratempos como os de transportes e da falta de comunicação, a Oficina intitulada como “O meio ambiente começa em nós” foi aplicada no município de Capela, no auditório da Secretaria de Cultura, com quinze pessoas presentes, uma vez que foram ofertadas no máximo trinta vagas, direcionadas, principalmente, para os professores das escolas do entorno da Mata do Junco.

Dentre os presentes também estavam monitores da secretaria de educação que trabalham na realização de projetos que acontecem paralelamente as atividades escolares, com o intuito de diminuir problemas freqüentes existentes nas escolas, como: evasão escolar, violência, falta de estímulo entre outros.

Para alcançar o objetivo da Oficina utilizamos a seguinte metodologia: a princípio colocamos questões referentes à Educação Ambiental a fim de saber a opinião de cada participante, em seguida, foi iniciada a palestra pela Mestranda do PRODEMA Michele Moura acerca do tema “Perspectivas de meio ambiente para o ensino em Educação Ambiental na esfera formal” levando os participantes a uma reflexão sobre meio ambiente e sociedade.

Nessa palestra também foram discutidos: a problemática ambiental; o sentido da valorização da natureza para a sociedade; visões de natureza, identidade e subjetividade; a influência no campo ambiental elementos da educação ambiental; e educação ambiental no processo formal.

Os participantes foram estimulados a pensar e a discutir sobre o que seria problemática ambiental, havendo a participação assídua de todos, sendo que a ênfase dada pelos participantes chegou à problemática do lixo que se é produzido.

Em seguida, foi passado um vídeo sobre a Festa do Mastro – evento tradicional e cultural da cidade – com o propósito de associarem o que ocorrem durante toda a Festa com o exercício da educação ambiental, tanto formal como o informal.

Posteriormente, pediu-se que fossem feitas representações do ambiente, de acordo com a realidade social vivida por cada um, por meio de desenhos.

E na Figura I, que segue, é percebida a influência da tradição cultural da cidade, a Festa do Mastro, que está sendo representada, não deixando de lado, em sua figura, a presença da escola e dos moradores. Outra percepção observada é a presença da Mata,

do mastro, bebidas e o mini-trio não sendo diferente da realidade, porém há a exclusão da presença do lixo e de alguns impactos que ocorrem durante a Festa do Mastro.



Figura 1 – Representação feita pela Professora.



Figura II – Representação feita pela Professora

Na Figura II, a professora não representou a Festa do Mastro, mas aproveitou a oportunidade para apontar acontecimentos que a incomoda, como a presença de caminhões carregados de cana-de-açúcar, que chegam a atrapalhar a aula. E a presença da Unidade de Conservação Mata do Junco como algo intocável, além da comunidade dos Sem Terras que fica em frente à Escola. Ela também relata por escrito que “O maior problema deste povoado é a falta de calçamento ou pista no povoado (estradas). Na época de chuvas, o povoado fica quase isolado, por causa das ‘poças’ de lama. E no verão, a poeira nas estradas é quase que insuportável, o ar fica muito ‘pesado’ e a poluição é muita”.



Figura III: Representação feita por Professor

Outras imagens foram analisadas e todas tinham a presença do verde, porém apenas uma (*Figura III*) com o ato de desmatamento e suas conseqüências. Tanto a imagem quanto o depoimento relata uma ação presente na maioria das matas desmatadas. “*O meu desenho expressa a atitude de alguns lenhadores que destrói de maneira cruel as árvores da nossa mata.*”

Assim, segundo Reigota (2004) quase todos possuem uma representação que iremos chamar de “naturalista”. Ou seja, a definição de meio ambiente pode ser considerada sinônimo de natureza. Isso quer dizer que quando denominamos “naturalistas” as representações sociais desse grupo consideramos que os elementos daquilo que alguns autores denominam como primeira natureza (ou natureza intocada) tem importância muito maior.

Por fim, apresentamos slides sobre o lixo (sendo ele feito somente de imagens de Capela) havendo nesse momento uma grande discussão em relação às atitudes das pessoas da cidade para com o ato de jogar lixo na Mata.

Bonecos e outros brinquedos feitos a partir do aproveitamento de garrafas Peti, latas, entre outros utensílios foram expostos e presenteados aos que estavam presentes

com o intuito de mostrá-los que existem inúmeras maneiras de se trabalhar com o aproveitamento de materiais e torna a aula mais atrativa.

E assim, a Oficina obteve um resultado positivo. Isso foi observado devido aos depoimentos e imagens analisadas no decorrer e depois de cumprida todas as atividades. *“Foi importante a relação entre a educação ambiental e a Festa do Mastro, já que esta tradição faz parte da vida de cada um”*. (Professora)

Conclusão

Todo o trabalho realizado através da Oficina ‘O meio ambiente começa em nós’ foi de grande impacto. Isso pôde ser observado nos questionários que foram aplicados com os professores das Escolas rurais Lagoa Seca e Boa vista. Nos questionários, percebemos a presença de diferentes atitudes no ato de dar aula e até mesmo já sendo refletido nas crianças, tudo relatado pelo professor.

De acordo com Penteado (2007,p.52) informação e vivência participativa são dois recursos importantes do processo de ensino-aprendizagem voltado para o “desenvolvimento da cidadania” da “consciência ambiental”.

A participação dos professores atingiu a contento as expectativas da oficina. A liberdade para opinar demonstrou que alguns professores conhecem a importância tanto ecológica, como cultural e social da Mata do Junco, entretanto necessitam de maior capacitação e apoio para realização de práticas que envolvam uma educação ambiental capaz de chegar à sala de aula e de percorrer toda a comunidade local.

Desta maneira, propor a Secretaria de Educação do município um projeto que leve para sala de aula o conhecimento científico associado ao conhecimento do cotidiano das pessoas que vivem na comunidade, a respeito do tema aqui explanado, em especial dos educandos é uma forma de construir o conhecimento e praticar a gestão ambiental.

Assim, de acordo com Penteado (2007,18), promover, através da escola, a compreensão sócio-política das questões ambientais e a formação da consciência ambiental são as metas com as quais pretendemos colaborar.

As representações feitas pelos participantes muito auxiliou na análise das visões e perspectivas dos professores do município e que trabalham – e muitos vivem- no entorno da Unidade de Conservação Mata do Junco.

Com isso, a Oficina ‘O meio ambiente começa em nós’ contribuiu de forma ímpar, tanto para o exercício da extensão universitária, através das pesquisas acadêmicas, quanto para o incentivo por parte da comunidade educadora no que se refere o uso sustentável da natureza e ensino com vistas a construção de conhecimento por parte dos alunos. Afirmando a idéia Penteadó (2007), a escola é um local, dentre outros (trabalho, família, igreja etc), onde professores e alunos exercem a sua cidadania, ou seja, comportam-se em relação a seus direitos e deveres de alguma maneira.

Referência Bibliográfica

GAUDIANO. Edgar Gonzalez. **Educação Ambiental**. Instituto Piaget.2005.

GUIMARÃES, Mauro. **Educação Ambiental**. 2ª edição, Duque de Caxias. Editora UNIGRANRIO, 2003.

PENTEADO, Heloísa D. **Meio ambiente e formação de professores**. 6ª Ed. São Paulo: Cortez, 2007.

REIGOTA, Marcos. **Meio ambiente e representação social**. 6ª edição – São Paulo. Editora Cortez, 2004.

SANTOS. Mário Jorge Silva. **Mata do Junco (Capela-SE): Identidade territorial e gestão de conflitos ambientais**. Dissertação de Mestrado, UFS -2007.

SILVA. Clarinda Aparecida da. **Paisagem e paisagens do Parque Nacional da Chapada dos veadeiros: o olhar dos “de dentro” e “dos de fora”**. Curitiba – Paraná, 2004.